

# A escrita da história: a Jacobeia entre usos e significados (1720-1774)

## The writing of history: the Jacobeia between uses and meanings (1720-1774)

**Bruno Kawai Souto Maior de Melo**

Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor substituto do departamento de história da Universidade Federal de Pernambuco.

E-mail: bruno.kawai@yahoo.com.br.

**Resumo:** É sobre a Jacobeia que tratará este artigo. Nele não só buscaremos contar a história da Jacobeia, de seus participantes e do impacto de suas propostas, mas, sobretudo, tentaremos reconstruir a semântica histórico-política que atribuiu sentidos e forjou a própria ideia de Jacobeia em meio aos conflitos faccionais que marcaram a monarquia portuguesa nas décadas centrais do século XVIII. Para tanto, propomo-nos aqui a repensar o repertório da linguagem política da época, os agentes históricos envolvidos na criação desse repertório, os propósitos que os guiaram, a divulgação do vocabulário criado, o impacto na opinião pública e a perpetuação dessas narrativas na criação da memória a respeito do movimento e seus participantes.

**Palavras-chave:** Jacobeia; Beatos; Espiritualidade.

**Abstract :**This article is about *Jacobeia*. It pursues not only to tell the *Jacobeia*'s story, its participants and the impact assessment of their proposals, but mainly tries to reconstruct the historical policy semantic which attributed meanings and fudged an idea of *Jacobeia* amidst the factional conflicts, that marked The Portuguese monarchy in the 18th century central decades. For this purpose, we suggest rethinking the political language repertoire in that time, the historical agents involved during the creation of this experience, the purposes that have guided them, the created vocabulary diffusion, the impact on public opinion and this narratives perpetuation in the memory creation about the movement and its participants.

**Keywords:** Jacobeia; Blessed; Spirituality.

## Beatos ou Cismáticos? - Primeira Fase (1702-1725)

O início da história da Jacobeia se confunde com os primeiros anos do reinado de D. João V. Num primeiro momento, durante o primeiro quartel do século XVIII, é possível descrevê-la como um “método de vida”, compartilhado especialmente por um pequeno grupo envolvido com a direção espiritual do Fr. Francisco da Anunciação (1668-1720), frade eremita de Santo Agostinho, que costumava reunir seus dirigidos no Colégio de Nossa Senhora da Graça de Coimbra. Nesses encontros, que também podem ser descritos como conferências espirituais, partilhavam-se experiências íntimas de devoção à luz de um método que consistia, segundo Fr. Manoel de Figueiredo, em corresponder à exata observância das constituições religiosas no que toca a preceitos e conselhos, realizar com frequência os exercícios espirituais e o exame da consciência, além de render total obediência a um diretor espiritual.<sup>1</sup>

No primeiro decênio do século XVIII, período em que as conferências começam a ser realizadas no Colégio da Graça de Coimbra, o grupo envolvido com a direção espiritual realizada por Fr. Francisco da Anunciação parece não ter impactado com relevância o cenário religioso local, não provocando, pelo menos inicialmente, qualquer tipo de estranhamento. Não era nenhuma novidade a realização de reuniões espirituais com o intuito de buscar formas particulares de devoção em outras casas religiosas, assim acontecia com alguma frequência entre os franciscanos, oratorianos, carmelitas etc. No entanto, esse quadro parece ter se modificado substancialmente ao longo da década subsequente.

É preciso destacar que a figura de Fr. Francisco da Anunciação parece ter se projetado com especial relevância no período, a ponto de tornar o Colégio da Graça uma importante referência aos eclesiásticos e leigos que buscavam experiências devocionais pautadas em princípios rigorosos, sob a vigilante orientação de um diretor espiritual. Não por acaso, por essa altura, o Colégio da Graça recebeu relevante afluxo de clérigos de outros institutos religiosos (beneditinos, carmelitas descalços, ordens militares, cistercienses etc.), além de leigos, especialmente filhos secundogênitos da primeira nobreza do reino.

Nesse âmbito, por volta de 1710, é provável que o grupo reunido em torno de Fr. Francisco da Anunciação tenha recebido a denominação Jacobeia. Ser jacobeu, por essa altura, pressupunha a participação nos encontros coordenados pelo frade eremita, além da necessária aceitação do método espiritual sugerido, a Jacobeia. Como essas reuniões aconteciam, ao que parece, em função exclusivamente da

<sup>1</sup> BPE – Epítome do Venerável Servo de Deus o Doutor Francisco da Anunciação. Cód. CIV. 1-46. Fl.08.

direção espiritual exercida por Fr. Francisco da Anunciação, inclusive não havendo registros de novas reuniões após a morte deste (1720), denominaremos o grupo envolvido diretamente com a rotina das conferências de círculo graciano, levando em consideração o local onde eram realizadas, o Colégio da Graça de Coimbra.

O Colégio de Nossa Senhora da Graça de Coimbra localizava-se em um sítio central da parte baixa da cidade, próximo ao Colégio de Nossa Senhora do Carmo, às instalações do Santo Ofício e ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. É possível afirmarmos que a região era um dos centros nevrálgicos da Cidade de Coimbra, seja pela circularidade de pessoas e mercadorias - proximidade com o rio Mondego - seja pelo enorme fluxo de eclesiásticos das mais diversas profissões que presumivelmente transitavam pela região.

A persistência dos encontros, no transcurso da década de 1710, provocou, diferentemente dos anos anteriores, estranhamentos de natureza diversa. É possível que as corriqueiras reuniões tenham suscitado inúmeros questionamentos, sobretudo no que toca ao propósito do grupo e às ideias divulgadas por Fr. Francisco da Anunciação. Os murmúrios, seguidos de julgamentos difamatórios, seguramente tornaram-se uma constante pelas ruas, igrejas e praças. Afinal, quem eram os seguidores de Fr. Francisco da Anunciação? O que faziam? O que aprendiam?

Pouco sabemos a respeito do que verdadeiramente era praticado durante as citadas conferências, ou mesmo quais eram os frequentadores mais assíduos. As fontes sobre o período são parcas, restando-nos registros esparsos que, em termos de conteúdo, matizam-se entre narrativas de natureza apologética e difamatória. É crível que, durante os encontros, o proceder dos frequentadores se apoiasse nos escritos produzidos por Fr. Francisco da Anunciação, especialmente na obra "*Vindícias da Virtude e Escarmanto de Virtuosos*", considerada um dos textos mais importantes da literatura espiritual portuguesa setecentista. (RIBEIRO, 2017: 293).<sup>2</sup>

Para mais, é provável que durante as conferências realizadas pelo círculo graciano, além de se examinar e discutir as obras de Fr. Francisco da Anunciação, a leitura de outros nomes também fizesse parte da prática habitual, a exemplo do jesuíta Alonso Rodrigues (1531- 1617), autor do livro *Exercício de Perfeição e virtudes cristãs*, cuja proposta de exercícios espirituais Anunciação considerava admirável. (ANUNCIAÇÃO, 1725a: 243). Também, ao que tudo indica, seguia-se um rígido

---

2 A despeito do livro ter sido concluído em 1702, como se percebe através das licenças de impressão, foi levado a prelo somente em 1725 – quando Fr. Francisco da Anunciação já havia falecido - pela oficina do impressor e mercador de livros Manuel Lopes Ferreira, o que demonstra que - durante um bom tempo - o conteúdo da principal obra de Fr. Francisco da Anunciação esteve ao alcance apenas dos seus dirigidos. CURTO, Diogo Ramada; DOMINGOS, Manuela D.; FIGUEIREDO, Dulce; GONÇALVES, Paula. *As Gentes do Livro. Lisboa, Século XVIII*. Lisboa, Biblioteca Nacional, 2007. p. 151.

*ethos*, composto pela realização da oração mental e vocal, a leitura de livros devotos, a fuga de conversações ociosas, o recebimento dos sacramentos, a necessária devoção a Nossa Senhora e aos santos.<sup>3</sup>

A espiritualidade proposta por Fr. Francisco da Anunciação sinalizava para um discurso de natureza providencialista, que, eventualmente, pretendeu uma renovação radical da espiritualidade na monarquia portuguesa, mas que traduzia, sobretudo, a leitura do agostianismo no que toca à regeneração social do homem, realizada a partir da renovação moral. Com esse escopo, os ensinamentos de Anunciação foram considerados pelos seus seguidores como o “atalho para o céu”, reveladores das riquezas espirituais ocultas ao conhecimento e à percepção comum. O mestre Anunciação de fato passa a ser representado como o modelo de cristão perfeito, sendo descrito como vigilante zelador da tradição cristã, ansioso amante da verdade pura, erudito mestre das doutrinas sólidas, incansável guia de caminhos seguros, fiel conselheiro de ditames prudentíssimo, experimentado médico de enfermidades do espírito, enfim, vigilante solicitador do bem das almas de Deus. (SILVA, 1964: 123).

Neste mundo, deserto cheio de povo, por não frequentado de homens, que tratem o importantíssimo negócio da salvação, clama pela boca de seus escritos o nosso mestre com vozes inflamadas em caridade, excitando os próximos a que preparem em si o caminho do senhor, e endireitem os atalhos para o céu, enchendo de doutrina os vales dos humildade, e abatendo os montes dos soberbos, vaidosos, e desvanecidos com seus juízos errados, e torcidos para o engano se endireitam no conhecimento da verdade, seus corações ásperos, e repugnantes, por inclinados para o mal (ANUNCIÇÃO, 1726b: 03).

Segundo António Vitor Ribeiro (RIBEIRO, 2017: 299), o método proposto por Francisco da Anunciação consistia em estimular uma reforma individual baseada no autoconhecimento, sustentada pela tutela espiritual de um diretor da alma, uma espécie de parteiro espiritual que tinha por função ajudar a fazer nascer um ser humano renovado. Sob essa perspectiva, é possível identificarmos, nas obras de Fr. Francisco da Anunciação, um tom professoral, tencionando declaradamente à propagação de um modelo de conduta espiritual dirigido por um rigoroso relacionamento com a fé.<sup>4</sup>

O frei eremita realizou uma verdadeira exortação à vida devota em seus textos, proclamando que não seria possível haver teologia que se eximisse da imita-

3 BGUC - Carta para certo Mancebo, que vai tomar o hábito de certa religião. MS. 2527. Fl. 231v.

4 No que toca à espiritualidade proposta por Fr. Francisco da Anunciação, ver: MONCADA, Luiz Cabral de. *Mística e Racionalismo em Portugal no Século XVIII: uma página de História Religiosa*. Coimbra, Casa do Castelo, 1952; SOUZA, Evergton Sales. *Jansenismo et Réforme de L' Eglise dans L' Empire Portugais (1640 à 1790)*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

ção de Cristo e do caminho estreito do céu, que só poderia ser atingindo através da virtude. (ANUNCIAÇÃO, 1725a). Em passagem marcante da sua vida, após ter sido espancado e maltratado durante a calada da noite por religiosos do Colégio da Graça de Coimbra que não aceitavam a severidade de seu governo, profundamente machucado e ensanguentado, teria conclamado, revigorado e alegremente, que parecia um Cristo.<sup>5</sup>

A imagem de virtuosismo e perfeição dos costumes parece ter ocupado espaço de protagonismo no pensamento teológico de Fr. Francisco da Anunciação e de seus seguidores que, com alguma frequência, destacaram a importância da morigeração dos costumes e mortificação dos vícios, adotando, inclusive, uma taxonomia social que refletia confessadamente o enrijecido *ethos* proposto, à medida que dividia a sociedade em duas ordens de homens: a dos tíbios, imperfeitos, carniais, mundanos e relaxados; e a dos virtuosos, pios, devotos, espirituais, perfeitos e beatos.<sup>6</sup>

Em suas cartas produzidas com o propósito de orientação a seus dirigidos espirituais, Anunciação evoca, de forma categórica, a necessidade da busca pela santidade. Em missiva endereçada a um mancebo que pretendia tomar o hábito, o mestre eremita é imperativo ao afirmar que a condição de religioso é um caminho para a perfeição, estando o candidato ao estado de eclesiástico obrigado a aspirar a ela através da imitação do modo de viver dos santos. Não o fazer implicava, segundo ele, uma clara manifestação do diabo.<sup>7</sup> Mesmo os leigos deveriam buscar essa perfeição, estando todos os cristãos obrigados a serem santos, imaculados e espirituais. (ANUNCIAÇÃO, 1726b: 137).

Apesar do inflamado conteúdo transformador proposto por Fr. Francisco da Anunciação em seus escritos, a divulgação de sua espiritualidade parece ter se concentrado, num primeiro momento, particularmente no interior do círculo graciano. É admissível que, até o ano de 1725, data da publicação das *Vindícias da Virtude*, a circularidade da palavra Jacobeia fosse bastante limitada, o que não implica, porém, um desconhecimento geral do grupo de suas ações. Até o 1727, quando os “jacobeos” foram definidos em um verbete no primeiro caderno de suplementos do vocabulário português e latino do padre Rafael Bluteau (1638-1734), não encontramos nenhuma referência aos vocábulos “jacobeu” ou “Jacobeia”. (BLUTEAU, 1727: 504) Mesmo as *Vindícias*, que divulgam os preceitos espirituais do círculo graciano, não

5 BPE - Epítome do Venerável Servo de Deus o Doutor Francisco da Anunciação. Cód. CIV. 1-46. Fl. 36.

6 BGUC - Quanto tempo deva e possa passar um sacerdote em dizer missa para a dizer sem pecado e com decência? (MS. 2527). Fl. 164.

7 BGUC - “Carta para certo Mancebo, que vai tomar o hábito de certa religião”, MS. 2527, Fl. 224.

fazem nenhum uso, ao longo de seus três tomos, dessas palavras.

O dicionário de Bluteau foi publicado em oito volumes entre 1712 e 1721. A entrada “jacobeos” só apareceria impressa no tomo primeiro dos dois tomos suplementos, publicados respectivamente em 1727 e 1728. Todavia, esse primeiro tomo, ainda que só tenha sido impresso em 1727, já estava concluído em 1721, como se pode apreender da portada da obra e da dedicatória ofertada a D. João V, o que indica que a Jacobeia, no sentido de círculo graciano, já tinha efetivamente ganhado alguma projeção no começo da década de 20.

Nessa ordem de ideias, é provável que a criação da palavra “Jacobeia”, já transformada em conceito – ou seja, em uma palavra que sugere imediatamente uma associação, que exige o mínimo de sentido comum (KOSELLECK, 1992) – tenha se dado em fins do segundo decênio dos setecentos, um pouco antes da morte de Fr. Francisco da Anunciação, ganhando amplitude ao longo dos anos subsequentes, quando parte relevante dos principais frequentadores do círculo graciano foram nomeados para as mitras peninsulares e ultramarinas, fenômeno que se estende até meados da centúria. (PAIVA, 2006: 508).

## Tempos de entremeio (1725-1748)

Apesar de concebido como um dicionário de língua, o vocabulário português e latino também apresenta características de dicionário histórico, o que permitia a Bluteau exercer sua erudição e demonstrar seu minucioso trabalho de pesquisa. (SILVESTRE, 2011). Ao tratar dos “jacobeos”, Bluteau não se restringiu à descrição das principais características do grupo; antes, buscou compreender a sua formação, a origem da palavra Jacobeia, além da matriz espiritual partilhada pelos envolvidos. (BLUTEAU, 1727: 504).

Bluteau afirma que os “jacobeos” surgiram em certo convento de Lisboa, onde costumavam agrupar-se em torno de uma escada, realizando colóquios e conferências espirituais, razão pela qual teriam chamado a aludida “Escada de Jacob”, em clara referência à passagem bíblica em que o profeta hebreu Jacó sonha com uma escada em Betel.<sup>8</sup> De acordo com Bluteau, a alcunha “jacobeos” foi criada quando um sujeito do citado convento passou pela dita escada e exclamou: “valha-me, Deus, sempre ei de topar com esses Jacobeos.” Segundo o teatino, a partir de então, houve

8 Bíblia de Jerusalém. Gênesis 28, 12-16. São Paulo: Paulus, 2006. De acordo com Luís de Moncada, a alusão à escada de Jacob não era uma particularidade da Jacobeia. Na verdade, tratava-se de uma metáfora utilizada frequentemente entre os autores da teologia mística. Costumava representar a aspiração e o movimento da alma para Deus, encontrando-se presente em diversos livros desde o século XVI, a exemplo dos escritos de S. João da Cruz. MONCADA, Luiz Cabral de. *Mística e Racionalismo em Portugal no Século XVIII: uma página de História Religiosa*. Coimbra, Casa do Castelo, 1952. p. 08.

uma disseminação do termo entre os conventos de frades e freiras, quase sempre com o intuito de designar reuniões de eclesiásticos que buscavam, através da reforma de suas ações, a pureza da fé, e distanciar da “afetada beatice.” (BLUTEAU, 1727: 504).

Os jacobeus descritos por Bluteau não formavam um grupo coeso, uma corrente de pensamento ou um movimento que buscava reformar a moral do catolicismo no reino de Portugal, tratava-se simplesmente de uma antonomásia, um adjetivo utilizado para classificar religiosos(as) fervorosos(as) que pretendiam se diferenciar de práticas particulares de devoção reconhecidas como heréticas, a exemplo dos alumbrados, quietistas etc.<sup>9</sup>

Em correspondência trocada no ano de 1738 entre o cardeal João da Mota e Silva e Fr. Antônio do Guadalupe, então bispo do Rio de Janeiro, temos um exemplo do emprego do epíteto “jacobeu”. Em meio a questões de natureza estritamente governativa, o cardeal informa ao seu interlocutor a situação de sua saúde, ao que tudo indica, bastante debilitada. Em tom de gozação, comenta que, segundo os jacobeus, sua condição de enfermo seria uma vocação.<sup>10</sup>

Torna-se evidente que o significado imputado aos jacobeus na carta acima descrita sugere uma abnegação extrema, a ponto de se atribuir à enfermidade um impacto secundário e irrelevante na vida humana, restando apenas a devoção particular e a saúde do espírito. Referências como essa são escassas, sendo possível falar em um silenciamento agudo das fontes. No período que se estende entre 1721 e 1745, a palavra Jacobeia foi utilizada como sinônimo de fervor religioso – o que não necessariamente indicava uma experiência positiva –, quase sempre por meio de um repertório semântico que enfatizava o estilo rigoroso dos jacobeus, mas também, em casos eventuais, passou a designar beatice afetada.

É provável que essa aproximação semântica derive da particular atenção atribuída por Anunciação ao debate a respeito da vida beata. Contudo, essa associação é marcada por uma inconsistência substancial. Anunciação não é um entusiasta da vida beata; antes, preocupa-se, em sua espiritualidade, em destacar a vida espiritual como um contraponto preferível ao beatismo. Fr. Francisco é peremptório ao afirmar que a salvação apenas pode ser conquistada através do caminho do céu, não

9 Sobre as formas de devoção consideradas heréticas no Portugal moderno, Ver: TAVARES, Pedro Vilas Boas. *Beatas, inquisidores e teólogos. Reação portuguesa a Miguel de Molinos*. Dissertação de doutoramento em Cultura Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002; RIBEIRO, António Vitor. *O Auto dos Místicos Alumbrados, profecias, aparições e inquisidores (séculos XVI-XVIII)*. Dissertação de Doutoramento em História da Época Moderna, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2009.

10 BN - Quatro cartas do Cardeal da Mota enviadas de Belem e Lisboa ao bispo do Rio de Janeiro nos anos de 1733-1739. [S.l.: s.n.], 1733-1739. 8f. inum., 34x22,5cm. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_manuscritos/mss1428052/mss1428052.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1428052/mss1428052.pdf)>.

havendo espaço para os beatos. (ANUNCIAÇÃO, 1726b: 304).

Anunciação, em um de seus textos preceptorais, onde costumava propor um rígido modelo de conduta, aconselha os jovens padres que aspiravam a se distanciar por completo do pecado, a não tolerarem ser chamados de “beato, hipócrita ou devoto.” Além disso, critica o que ele chama de “devoções extraordinárias”, como grandes jejuns, cilícios etc., que deveriam ser substituídos pela “devoção ordinária”, ou seja: “reze, ore, leia livros devotos, tenha conversações espirituais.”<sup>11</sup>

Fr. Francisco da Anunciação se empenhou em criar um rigoroso distanciamento entre o que ele chamou de desejo de maior perfeição e a beatice fingida, como no caso de uma religiosa de Santa Clara, que após buscar utilizar um hábito com material mais rústico, não convencional em seu convento, foi perseguida. Anunciação realiza uma verdadeira defesa em nome da freira, pedindo que não se impedisse a devoção da religiosa, que se dedicava à vida devota através da modéstia. (ANUNCIAÇÃO, 1717).

A frequência com que Anunciação contrapõem a perfeição dos costumes alcançada através da oração mental e das lições espirituais à beatice fingida talvez derive do conteúdo injurioso frequentemente atribuído ao beatismo no período em tela. Se retornarmos ao vocabulário latino e português do padre Raphael Bluteau, a prática da beatice (ou beataria) é descrita como afetada demonstração de virtude. Já o beato é descrito como um devoto com simulação e afetação. (BLUTEAU, 1727: 504).

Face ao exposto, é possível aventar que a pecha de beatice atribuída aos jacobeus, especialmente na década de sessenta, tenha retomado um vocabulário já utilizado de forma esparsa ao longo das décadas anteriores. Apesar disso, foi a década de quarenta responsável por (re)significar o conceito de Jacobeia e Jacobeu, atribuindo-lhe usos e significados mais concretos.

Não foi possível localizar, antes do período citado, nenhum texto que tenha tentado narrar a Jacobeia a partir de outros ângulos. Apenas em 1748, duas décadas após a publicação do dicionário do padre Raphael Bluteau, em *Epítome* oferecida à memória de Fr. Francisco da Anunciação, buscou-se, pela intervenção de um discurso pró-jacobeia, historicizar as origens do vocábulo e de seu método espiritual, atribuindo-lhe nova interpretação.

Conforme Fr. Manuel de Figueiredo, suposto autor do texto, Bluteau comete erros irreparáveis em sua narrativa, a começar pelo local de aparecimento do movimento, que - de acordo com o verbete produzido pelo teatino - teria sido Lisboa.<sup>12</sup>

11 BGUC - Quanto tempo deva e possa passar um sacerdote em dizer missa para a dizer sem pecado e com decência? Sessão de manuscritos (MS. 2527).

12 De acordo com Fr. Antônio Pereira da Silva, é provável que o autor da *Epítome* seja o eremita de



O autor é enfático ao apontar a localização embrionária do movimento como sendo em Coimbra. Refuta, da mesma forma, a explicação proposta pelo dicionarista para a origem da palavra Jacobeia, afirmando ser infundada a referência à Escada de Jacob como determinante para a nomenclatura do movimento. Propõem a tese de que a Jacobeia seria um espaço solitário no Colégio de Braga, onde um reconhecido mestre, chamado Fr. Jeronimo de São Tiago, cujo sobrenome seria o mesmo que São Jacobo, costumava frequentar. Dada a regularidade das visitas realizadas por Fr. Jeronimo ao dito lugar, passaram a chamá-lo de Jacobeia - algo como o sítio de Jacobo.<sup>13</sup>

Em visita a Coimbra, teria Fr. Jeronimo de São Tiago realizado encontros cotidianos com um estudante do Colégio de Artes “em um ângulo junto ao coro”, de onde partiam para passear por horas a fio. Mesmo havendo a tentativa de separá-los, continuaram a se encontrar no mesmo lugar, recebendo, inclusive, a presença de outros participantes, dentre eles, talvez o mais importante, o próprio Fr. Francisco da Anunciação. De forma jocosa, o lugar de encontro passou a ser chamado de Jacobeia e os seus participantes de jacobeus.

Nome que começando por graça pegou de sorte no colégio, que ficou fixo e permanente e dali resultou para fora com tal firmeza, que a todo aquele que abraçava a vida espiritual religiosa, ou secular, ou secular de todos os estados sem remédio algum se lhe dava o nome Jacobeo, e eles aceitavam com tanto agrado, que se prezavam muito disso.<sup>14</sup>

Faz-se importante notar que a *Epítome* foi escrita num período especialmente dramático da história do antigo círculo graciano, quando os ataques à Jacobeia e ao estilo de vida dos jacobeus se intensificaram. Esse é o caso do folheto “*Retrato da Jacobeia, tirado pelos originais de vários hereges, sendo as tintas os seus costumes, e as sombras o fingimento na cópia e no original*”, que de forma mordaz enfatiza a dissimulação fingida e a hipocrisia como características da Jacobeia.

---

Santo Agostinho Fr. Manuel de Figueiredo, que, na quarta parte de sua obra “*Flos Sanctorum Agustiniano*”, publicada em Lisboa no ano de 1737, comprometeu-se a escrever a vida de Fr. Francisco da Anunciação. Como a *Epítome* também não foi datada, é possível que tenha sido escrita no ano de 1748, considerando o registro cronológico trazido pelo próprio Fr. Manuel, que afirma estar a Jacobeia forte em sua atuação há vinte e oito anos, desde a morte de Fr. Francisco da Anunciação (fl.27). Como Anunciação faleceu em 13/08/1720, é bastante plausível que a data de conclusão da *Epítome* tenha sido o ano de 1748. SILVA, Antônio Pereira da. *A Questão do Sigilismo em Portugal no Século XVIII: história, religião e política nos reinados de D. João V e D. José I*. Braga, Editorial Franciscana, 1964. p. 58.

13 BPE - Epítome do Venerável Servo de Deus o Doutor Francisco da Anunciação. Cód. CIV. 1-46.

14 BPE - Epítome do Venerável Servo de Deus o Doutor Francisco da Anunciação. Cód. CIV. 1-46.

Um Jacobeu visto a primeira face é modesto, mortificado, o traje sem melindres do asseio, a cabeça inclinada, e sem os cuidados da moda, a sobancelha arqueada com as reflexões do futuro, macilenta a cor, inclinado a observações do jejum, pelos seus espetáculos de sisudeza, nas igrejas desanimadas figuras, dos palácios veneradas estátuas, nos púlpitos sem cores dos vícios, nos confessionários industriosos juizes, nas conversações zelosos do bem comum, e devotos nos altares.<sup>15</sup>

O mesmo repertório é encontrado em outro texto anônimo datado de 1745, onde se percebe um hipotético diálogo entre Lisboa e Roma. Escrito com o propósito declaradamente antijacobeu, a imagem da escada utilizada na descrição realizada por Bluteau é usada como elemento retórico de difamação, na medida em que supervaloriza de forma irônica as qualidades dos envolvidos nas conferências espirituais realizadas em torno de Fr. Francisco da Anunciação, tentando, dessa forma, imprimir um caráter de fingimento a retidão pregada pelos jacobeus. Afirma-se que pela dita escada havia “uma estupenda série de raptos maravilhosos”.

Lisboa – saberás que principiou a ser moda em Portugal um modo de vida a que se deu o nome de Jacobeia.

Roma – Não me soa bem essa alcunha, porque me lembro, de que um Jacobo Zanzalo, procederão no levante dos jacobistas, que eu já declarei por hereges.

Lisboa – Conta nosso moderno vocabulário que em um certo convento do meu distrito, começaram alguns religiosos a distinguir-se dos outros, com devoções e exercícios espirituais.

Roma – as distinções nos conventos sempre foram arriscadas.

Lisboa – em uns degraus de menor concurso se congregavam para as suas conferências espirituais, haviam naquele círio uma estupenda série de raptos maravilhosos, até que imaginarão que por essa escada subiam e desciam a imitação dos anjos, aproveitando uma visão celeste para um santo terreno.

Roma – A vida disso já percebo que de Jacob é que eles tomaram o apelido de jacobeus.<sup>16</sup>

Um interessante caso da circularidade da imagem de Jacobeu que começa a se solidificar no período foi o cordel intitulado “A Definição de Sécia”, publicado supostamente em Veneza, no ano de 1746. Produzido sem nenhuma referência, respeitando a uma estética típica dos textos difamatórios produzidos na Europa daquela altura <sup>17</sup>, o livreto tem alto teor de acidez literária, abordando com ironia os embates entre a imagem de uma conduta perfeita e sua prática efetiva. Sécia costu-

15 BGUC - Retrato da Jacobeia, tirado pelos originais de vários hereges, sendo as tintas os seus costumes, e as sombras o fingimento na cópia e no original. Manuscrito nº142, p. 225.

16 BGUC - Apólogo polemico ou combate civil. Manuscrito, nº 142.

17 Para uma visão ampla da questão, ver: CHARTIER, Roger. *As Utilizações do Objecto Impresso (Séculos XV-XIX)*. Viseu, Difel, 1998.

ma ser apresentada sempre como antítese de si: “Sécia huma genérica definição; pois compreende universalmente definidos: e sendo definição na verdade, não observa as leys, porque neste caso não concorda a definição como definido, tendo tantas diferenças, e talvez que só por essa lhe venha o próprio nome.” Depois de ter sido apresentada como “Sécia das letras, poeta do parnaso, do tribunal, eclesiástica, fidalgo etc., se tem a Sécia jacobeo”, que não obstante a observância da boa vida, tem todo o corpo para a execução dos seus apetites.

Sécia Jacobeu, é aquele virtuoso varão, que inculcando-se todo espirito na observância da boa vida é todo corpo para a execução dos seus apetites: escrupulizando dizer missa no dia que toma ajuda de caldo de galinha; e para se livrar do escrúpulo ler todos os moralistas clássicos, de sua opinião, ostentando-a (sic.) por Sécia, (como se por aquela se comera) e só em ter acólito instruído é que não se escrupuliza a sua virtude: por Sécia metido na procissão, ou terço da caridade, com o irmão Balthazar, para melhor pelas escadas, quando vai tirar as esmolos, para ver as servas de Deus que lhe vem trazer a caridade, que ele também lhe deseja fazer; já beijando o chão nas igrejas, com lábios de oração mental, todo ao modo que tem corrimentos, que não pode olhar para cima, porém sempre vendo até onde se quer; confessado por Sécia todos os oito dias: e a de ser certas religiões: andando sempre com um jarrete seu vizinho, que tem humas poucas de filhas, que este é o motivo porque anda com ele; e muitas vezes sucede o pobre velho capacitar-se da sua opinião, imaginá-lo virtuoso, e casá-lo com Maricota, que é a mais velha, que nesta virtude vai purgar os seus pecados. Todo, vê imagem de santo, como quem lhe dá um arrepiamento de corpo, fazendo os olhos papudos, e certo que esses por Sécia vão ao inferno; e o diabo é o mais interessado nas Sécias desse mundo. Enfim, hipócrita confirmado, no que se ostenta consumido, Jacobeu à moda, virtude (sic.) a luso, santo no parecer, posto que na realidade seja um Anticristo: Sécia no mesmo caminho da virtude, que por alcança o invento da sua malícia.<sup>18</sup>

Em outra fonte, que julgamos ser do mesmo período, o modelo de devoção partilhado pelo círculo graciano é novamente ridicularizado. O *topos* da hipocrisia é mais uma vez recuperado, havendo a introdução de um elemento que marcará a narrativa a respeito da Jacobeia nas décadas subsequentes, a convicção de que os jacobeus representavam um perigo ao reino de Portugal: “Não se alteram nem se arruinam os reinos só com guerras, também se inquietam, e se destroem com hipocrisias”. Em outros trechos do referido sermão, o rigor dos jacobeus é tratado de forma jocosa. Chega-se a afirmar que, se Santo Agostinho ainda fosse vivo, provavelmente não seria aceito como Jacobeu, dado que seria posto na conta de um sábio qualquer: “com tais prelados, se fosse hoje vivo o grande Agostinho, corria perigo dele despirem o hábito, ou ao menos de não ser admitido aos seus congressos, sem

18 BNP - Diffinição da Sécia. In Venezia: nella Stamperia Baglioni, 1746. (Cota H.G. 4645//13A.).

outra culpa que as de sábio”.<sup>19</sup>

Ainda na década de quarenta, durante a querela do sigilo confessional, que envolveu o Santo Ofício e parte dos bispos portugueses, os jacobeus também foram acusados de sigilistas, ou seja, padres que, levados pelo fervor do fanatismo religioso, quebravam o sigilo da confissão, exigindo que os confessados delatassem seus cúmplices.<sup>20</sup> Além da quebra do sigilo confessional, com alguma frequência se pretendeu demonstrar que os padres sigilistas costumavam atuar como diretores espirituais de mulheres beatas, o que por vezes acabava por recair em algum desvio de natureza sexual. A questão dos sigilistas certamente determinou os rumos da história da Jacobeia e de sua memória, especialmente pela ampla divulgação da contenda, que circulou por meio de uma enxurrada de libelos difamatórios produzidos por agentes da Inquisição. (MARTINS, 2012: 133-200).

Nesse cenário, portanto, é evidente que a *Epítome* foi produzida com o claro intuito de esclarecer, em seus pormenores, o que verdadeiramente era a Jacobeia, oferecendo uma narrativa alternativa, uma nova escrita da História, um outro repertório diametralmente oposto ao mobilizado pelos opositores do movimento, amparado em outros referenciais. Apesar disso, o texto produzido por Fr. Manuel Figueiredo não conseguiu a divulgação pretendida por motivo que julgamos óbvio, já que parte substancial da censura no antigo regime português estava sob domínio da Inquisição, que - por essa altura - começava com dedicação a perseguir os jacobeus, principalmente através da divulgação de uma nova narrativa sobre a Jacobeia.

Além de reconstruir parte da trajetória de vida de Fr. Francisco da Anunciação, que, segundo o autor se confunde com a história dos jacobeus, a *Epítome* se dedica a romper com o entendimento de que a Jacobeia era um articulado grupo de religiosos sediciosos que pretendiam “arruinar a monarquia portuguesa.” O autor se esmera em afirmar o cariz espiritual do método proposto por Fr. Francisco da Anunciação durante as conferências espirituais do Colégio da Graça. Segundo Fr. Manoel de Figueiredo, Anunciação teria, diferentemente dos discursos correntes no período, feito um grande bem ao reino de Portugal “com o seu invento novo da Jacobeia” sem, com isso, obter qualquer tipo de conveniência.

Mas a propagação da Jacobeia, que ela logo teve na vida do mestre Anunciação, e

19 BA - Vos ascendite ad festum, ego autem non ascendo Joan 7, Cota. 54 – XI - 35, n.º 18.

20 Sobre a questão dos sigilistas, ver: PAIVA, José Pedro. *Baluartes da fé e da disciplina. O enlance entre a Inquisição e os bispos em Portugal*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011. pp. 398-417; MELO, Bruno Kawai Souto Maior de Melo. *A Jacobeia entre significados e representações: reformas religiosas e embates faccionais na monarquia portuguesa - C. 1720 – C. 1769*. Tese apresentada ao programa de pós-graduação em história da Universidade Federal de Pernambuco, 2020. pp. 195-231.

então mais que nunca, e sempre continuou até agora, nenhuma conveniência temporal antes grandes inconveniências, e incomodidades, perseguições, e detrações trouxe a muito e muitas pessoas grandes ilustres, letradíssimas, riquíssimas; todas muito bem acomodadas no mundo abraçaram a vida dos jacobeus cedendo das suas comodidades, e encontrando grandes incômodos só levados da força das virtudes inculcadas pelo Mestre Anunciação, e da experiência, que lhe mostrou o tesouro que estava escondido no método, no trato, na sociedade e coligação dos jacobeus.<sup>21</sup>

Fr. Manoel, no afã de desconstruir a imagem de jacobeu divulgada durante a questão dos sigilistas, buscou superlativar o impacto da Jacobeia ao longo da primeira metade do século XVIII, atribuindo-lhe um papel de protagonismo numa espécie de reforma moral da Igreja Portuguesa, o que teria atingindo não apenas o corpo eclesiástico, mas também a sociedade civil de forma ampla. Conforme o agostiniano, após o aparecimento da Jacobeia, tornou-se habitual que os pais de família transformassem suas casas em conventinhos de religiosos, que ministros da Justiça se tornassem retíssimos e que, durante a via-sacra, os fiéis realizassem a oração mental.<sup>22</sup>

Mesmo como todo o empenho realizado por Fr. Manoel, o texto da *Epítome* não circulou de forma satisfatória, conservando-se, ao que parece, um único exemplar manuscrito, atualmente depositado na Biblioteca Pública de Évora. Não encontramos qualquer tipo de menção ao manuscrito nas décadas posteriores, o que denota que seu conteúdo foi completamente anulado pelos mecanismos de propaganda e censura do Tribunal do Santo Ofício. À vista disso – tendo em mente a completa falência do projeto jacobeu de propor uma narrativa para sua história –, ser jacobeu no começo da década de 50, passou a ser o mesmo que hipócrita, beato falso, sedicioso, devoto fingido, mas também simpatizante ou mesmo sigilista.

Depois do arrefecimento das questões resultantes da querela do sigilo confessional por volta de 1750, o clima de paixão que presidiu a toda contenda começou a atenuar-se, e a morte da maioria dos envolvidos, ocorrida entre 1750 e 1760, refreou gradualmente os ânimos. (MARTINS, 2012: 258). Foi nessa conjuntura, designadamente com o avanço da influência de Sebastião José de Carvalho e Melo nos assuntos do governo, que a Jacobeia e os jacobeus foram definitivamente descritos através de um repertório que ecoará quase que inteiramente intacto até o século XX.

## **A invenção da Jacobeia (1752-1774)**

Apesar da tentativa de aproximação sinonímica entre Jacobeia e sigilismo

21 Epítome do Venerável Servo de Deus o Doutor Francisco da Anunciação. Cód. CIV. 1-46. Fl. 73.

22 Epítome do Venerável Servo de Deus o Doutor Francisco da Anunciação. Cód. CIV. 1-46. Fl. 73.

realizada na década de 1740, foi apenas em fins da década de 60, através da intervenção vigorosa realizada pelo Conde de Oeiras no âmbito de uma verdadeira guerra aos jacobeus, que ambos os conceitos passaram a ser tratados de forma solidamente associativa. Nos primeiros anos do reinado de D. José I (1750-1777), ainda é possível encontrar referências à Jacobeia sem a necessária relação com a quebra do sigilo confessional e ainda dentro do repertório semântico que buscava atribuir aos jacobeus uma forma de beatice afetada.

Esse é o caso do *Jornal Anónimo*, impresso em Lisboa no ano de 1752, que dedicou dois números ao tema da hipocrisia. O Anónimo, lançado e financiado por Bento Morganti, influenciado pelo *The Spectator de Steele e Addison* (1711-1712), integra-se na rede europeia de difusão do jornalismo filosófico, instrutivo e moralizante com forte inspiração londrina. Segundo Ana Cristina Araújo (ARAÚJO, 2003: 69-71), Bento Morganti é um entusiasta da razão esclarecida, sustentando que só por meio dessa seria possível erradicar da sociedade os flagelos da ignorância e da superstição.

Nesse âmbito, dois volumes do *Jornal* se dedicaram ao tema da hipocrisia e seus impactos para a sociedade portuguesa. O número 13, intitulado “Da Hypocresia (sic), e os meyoys para se conhecer cada hum a si mesmo”, trata das principais formas de hipocrisia encontradas no período.

A Hipocrisia nos Palácios, e nas partes junto a eles, é muito diferente daquela que se prática em comum. O hipócrita da moda procura mostrar-se pior do que é; e o hipócrita comum deseja passar nos olhos de todos por mais virtuoso do que na verdade é. O primeiro parece, que teme tudo o que tem alguma aparência de Religião, e teria grande gosto se todos entendessem, que estava influído em muitas cousas más, ainda que na verdade não fosse assim: e o ultimo se reveste de um exterior devoto, e esconde uma quantidade de vícios debaixo das excelentes aparências da virtude.<sup>23</sup>

Mesmo que a Jacobeia não tenha sido explicitamente citada, é possível identificarmos o repertório utilizado na década anterior para classificar o estilo de conduta dos jacobeus, designadamente, a referência ao exterior devoto, que esconderia uma considerável quantidade de vícios camuflados pela falsa virtude. Em outro trecho do *Jornal*, o autor trata de uma terceira forma de hipocrisia, aquela em que um homem aponta defeitos e faltas a outro, persuadido de que tem mais virtude do que verdadeiramente dispõem. É possível estarmos diante de uma crítica ao modelo de classificação proposto pelo mestre dos jacobeus, que dividia os homens em duas classes: a dos tíbios e imperfeitos e a dos virtuosos, como já foi dito.

23 Anónimo (Bento Morganti) (Hrsg.): “Num. 13”, in: O Anonymo. Repartido pelas semanas, para divertimento e utilidade do público, Vol.1\013 (1752). Disponível em: <http://gams.uni-graz.at/archive/objects/o:mws.6993/methods/sdef:TEI/get?locale=de&context=pt;context:mws-anonymo-coll>

O número 14 do *Jornal Anónimo* continua com a mesma matéria, dessa vez com o propósito de criar um retrato para os hipócritas e anti-hipócritas. Com o intuito de armar os leitores contra os “fantasmas da hipocrisia que andam tão frequentes entre nós para enganar a opinião comum”, Bento Morganti dispara, de forma virulenta, contra o estilo de certos hipócritas que consistia “em andar sempre rotos, e desprezíveis, introduzindo nos de fácil crença, que a perfeição da virtude mística consiste nesta pobreza, e desprezo exterior do corpo”.

Ao tratar do caso de uma beata que há anos havia gozado de prestígio na corte, Bento Morganti retoma, mais uma vez com razoável grau de semelhança, o mesmo sumário difamatório dirigido aos jacobeus. De forma acre, compara a virtude da beata a uma folha de papel pisado, que “por fora são pintadas, e mostram uma excelente cor, mas por dentro são vazias, e cheyas de pó, leves, e insubsistentes”. Denuncia, da mesma forma, os professores do espírito, que não perdem o costume de conversar com mulheres, ainda que seja com o pretexto de exercer a função de diretor espiritual.<sup>24</sup> Como visto, esse foi um dos crimes que mais adiante serão atribuídos aos jacobeus.

Como fica claro, pelo menos num primeiro momento, não houve a tentativa de associar definitivamente beatismo/jacobeia com a quebra do sigilo confessional, permanecendo a mesma gramática classificatória utilizada na década anterior. Esse foi o caso do abade da Igreja da Queijada, padre Manuel Dias Condesso, acusado de sigilista no ano de 1751. Denunciado pelo padre Francisco Correia, o abade Manuel teria obrigado a Anastácia e a Inês, durante o sacramento da confissão, a declararem quem eram os cúmplices de seus erros (ANTT, Tribunal do Santo Ofício, *Inquisição de Lisboa*, proc. 13907). Ao longo de todo processo, a palavra Jacobeia não foi utilizada, o que nos leva a acreditar que, por essa altura, ainda é possível mantermos certo distanciamento entre os significados de jacobeus e sigilistas.

Durante a década de 50, a Jacobeia foi esquecida quase por completo do vocabulário político-religioso, sobretudo por conta da morte da grande maioria dos envolvidos com a querela dos sigilistas, restando apenas um representante do núcleo duro que participara da questão, o bispo-conde D. Miguel da Anunciação. (SILVA, 1964: 379). Além do mais, outras questões se destacaram na primeira década do governo de D. José I. Os jacobeus, ao menos num primeiro momento, não representavam uma ameaça iminente à monarquia, os esforços do então secretário do reino, Sebastião José de Carvalho e Melo, logo após a tragédia de 1755, concentrar-se-iam no maior projeto de perseguição realizado pela monarquia portuguesa no período,

---

24 Anónimo (Bento Morganti) (Hrsg.): “Num. 14”, in: O Anonymo. Repartido pelas semanas, para divertimento e utilidade do público, Vol.1\014 (1752). Disponível em: <https://gams.uni-graz.at/o:mws.6994>.

a guerra aos Jesuítas. (VOGEL, 2017).

Foi na década de 1760, simultaneamente ao avanço do regalismo e na esteira da publicação da pastoral do Bispo de Coimbra, D. Miguel da Anunciação, em novembro de 1768, que a Jacobeia voltou a receber destaque no cenário político do período. (RODRIGUES, 1982). No entanto, o repertório utilizado para descrever a Jacobeia e o estilo de vida dos jacobeus se transformou substancialmente. Apesar da constante referência à beatice e à hipocrisia dos costumes, outros elementos receberam especial destaque nas novas narrativas a respeito dos jacobeus. Apontamos, de forma especial, a performance retórica utilizada pela propaganda pombalina, que - de maneira enfática - intencionou assacar aos jacobeus um plano sedicioso, além de pretender uma aproximação sinonímica entre Jacobeia e quebra do sigilo confessional.

É possível afirmar que, em fins da década de 1760, os usos e significados da palavra Jacobeia adquiriram novos sentidos, tornando-se um dos grandes projetos retóricos da máquina propagandística montada pelo Conde de Oeiras, cujo principal ator foi o procurador geral da coroa, José de Seabra da Silva. Em algumas missivas escritas pouco tempos depois da publicação da pastoral antirregalista do Bispo de Coimbra, D. Miguel da Anunciação, percebe-se a dimensão do novo repertório utilizado para descrever a Jacobeia.

Em carta enviada por D. José I ao provincial dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho, em 14 de dezembro de 1768, fica clara a preocupação em traçar um perfil definitivo para os jacobeus. De forma categórica, o monarca exige que o provincial castigue exemplarmente todo aquele religioso que se deixe chamar de “Jacobeus, beatos, reformados, ou outras semelhanças antonomásias esquisitas, exóticas.” Mais adiante, repreende aqueles que já se identificavam como jacobeus ou beatos, proibindo que se reunissem em conferências espirituais ou formando “conventículos”, sob a pena de serem expulsos da ordem.<sup>25</sup>

O repertório utilizado reordena o padrão narrativo até então utilizado. Busca-se, portanto, introduzir novas ferramentas discursivas que sublinharam o caráter insurreto da Jacobeia, o que foi feito levando em consideração a imagem de beatismo e hipocrisia já sacramentada. Aos jacobeus foi atribuída a capacidade de produzir desarmonia, separação e desunião nos conventos e mosteiros em que o seu método havia penetrado, o que explica a fórmula “fazerem conventículo” referida no texto. Missiva com o mesmo conteúdo também foi enviada para o abade de São Bento e para o Provincial dos Carmelitas, o que denota uma circularidade da imagem de Jacobeu que passaria a ser propagada pela monarquia.

25 ANTT - Carta de sua Majestade para o provincial definitório dos Eremitas de Santo Agostinho, *Manuscritos da Livraria*, n.º 1140 (8).



Denominando-se Jacobeus, os que se apartaram do comum dos conventos, em que tinham e tem as suas filiações, com a prática de outra observância despótica e estranha inventando para ela com um espírito de soberba e de singularidade, novos modos de vestir e calçar, novas tonsuras e novas e esquisitas rezas, e orações arbitrárias.<sup>26</sup>

Além da tentativa de retirar a Jacobeia das ordens religiosas, bloqueando a influência das suas ideias, o monarca ordenou ao claustro pleno da Universidade de Coimbra que riscasse dos livros de matrícula “todos os doutores, denominados jacobeus, das sobreditas quatros ordens, a saber cônegos regrantes de santo Agostinho, frades da graça, bentos e do carmo”, também lhes sendo vetada a entrada na sala dos atos e nos gerais das lições, ainda que estejam na condição de ouvintes. (SORIANO, 1867: 54).

Essa foi a *tópica* predominante na mais importante fonte produzida no período sobre a questão, a “*Coleção das Leis Promulgadas, Sentenças Proferidas nos casos da infame pastoral do Bispo de Coimbra D. Miguel da Anunciação da Seita dos Jacobeos, Sigilistas.*”<sup>27</sup> É desse volumoso processo, rigorosamente produzido com o intuito de criminalizar a memória a respeito da Jacobeia e de seus integrantes, que se formará o sentido comum do conceito de Jacobeu e Jacobeia preservado nos séculos posteriores.

A coleção apresentada é composta por um conjunto expressivo de sentenças realizadas pela Real Mesa Censória, seguidas por um importante texto assinado por José Seabra da Silva, intitulado: “*Memorial sobre o cisma do Sigilismo que os denominados jacobeus e beatos levantaram neste Reino de Portugal.*” Como se observa, o sigilismo é apresentado como um caso extremado de cisma, um claro plano de desacordo criado por uma perigosa seita dirigida no reino pelos jacobeus e beatos. Foi através dessa associação que o sigilismo passou a ser retratado como uma característica da Jacobeia, a ponto de passarem a designar praticamente a mesma coisa.

De tudo que o temos dito nas reflexões, que temos feito sobre as máximas dos Jacobeus, nasce por umas consequências justíssimas: que o sistema da Jacobeia é por seus intrínsecos princípios sedicioso, e contrário ao bem público, e à tranquilidade dos Estados: que é pela sua essência destrutivo da soberania: que ensina a desprezar, e ter em nada todo o poder político instituído por Deus.<sup>28</sup>

26 ANTT - Carta de sua Majestade para o provincial definitório dos Eremitas de Santo Agostinho, *Manuscritos da Livraria*, n.º 1140 (8).

27 *Coleção das Leis Promulgadas, Sentenças Proferidas nos casos da infame pastoral do Bispo de Coimbra D. Miguel da Anunciação da Seita dos Jacobeos, Sigilistas*. Lisboa: na Régia Oficina Tipográfica, 1769.

28 *Coleção das Leis Promulgadas, Sentenças Proferidas nos casos da infame pastoral do Bispo de*

Além de denunciar o perigo representado pelos jacobeus, a *Coleção das leis promulgadas* se esmerou em reconstruir a trajetória da Jacobeia e de seus principais participantes, havendo, contudo, pouco destaque para o papel exercido por Fr. Francisco da Anunciação, que, apesar de ser apontado como iniciador do movimento, não ganha protagonismo na narrativa. Esse papel é atribuído ao franciscano Fr. Gaspar da Encarnação, importante personagem do governo de D. João V. (MELO, 2020: 96-105).

A *Coleção de leis promulgadas sobre o sigilismo*, diferentemente da “*Epítome da Vida do Venerável Servo de Deus Fr. Francisco da Anunciação*”, circulou amplamente, sendo enviada, inclusive, para as dioceses do mundo ultramarino. Foi possível localizar exemplares do processo na documentação referente às capitanias de Goiás<sup>29</sup>, Minas Gerais<sup>30</sup> e Pará<sup>31</sup>, o que demonstra o empenho da propaganda pombalina em divulgar os significados por ela atribuídos à Jacobeia. Assim, já no começo da década de 70, é possível afirmarmos que jacobismo e sigilismo são delitos que por vezes se confundem, muito embora tenham sentidos próprios e independentes.

É nesse quadro em tela que houve a reforma do Tribunal do Santo Ofício português marcada pela publicação do seu novo regimento no ano de 1774. No contexto do pacote de reformas elaborado por Carvalho e Melo, o Tribunal do Santo Ofício passava a ser equiparado a qualquer outro Tribunal Régio, e a própria escolha do inquisidor-geral passava a ser regida pela fórmula *ad nostrum et sedis apostolicae beneplacitum*, segundo a qual o inquisidor-geral era promovido à instância do rei que o propunha e postulava, limitando-se o papa a provê-lo (MARCOCCI; PAIVA, 2013: 351).

Com efeito, uma das principais características do Regimento de 1774 foi a redução do volume e severidade das condenações, inclusive com um quase total arrefecimento da repressão inquisitorial, como no caso da maçonaria. O regimento refletiu, portanto, a nova situação política, manifestando uma grande sensibilidade à imagem exterior da inquisição e às principais críticas feitas ao funcionamento do Tribunal (BETHENCOURT, 1994: 41-42).

Apesar de ter sofrido um abalo sísmico em sua estrutura, a ponto de autores como José Pedro Paiva e Giuseppe Marcocci proporem a hipótese de que a Inquisição teria agido no período sem inimigos, referindo-se ao fim da distinção entre

---

Coimbra D. Miguel da Anunciação da Seita dos Jacobeos, Sigilistas. Lisboa, na Régia Oficina Tipográfica, 1769. pp. 81-82.

29 AHU\_Avulsos de Goiás\_008, Cx. 25, D. 1582.

30 AHU\_Avulsos de Minas Gerais\_011, Cx. 96, D. 7764.

31 AHU\_Avulsos do Pará\_013, Cx. 65, D. 5592.

cristãos-velhos e cristãos novos e ao término da intensa repressão que caracterizara a Inquisição Portuguesa desde sua fundação, o Santo Ofício não cessou de agir no disciplinamento das práticas consideradas heterodoxas (MARCOCCI; PAIVA, 2013: 359-361). Segundo Simão José da Luz Soriano, a Inquisição - no período em tela - teria servido como instrumento político nas mãos do Marquês de Pombal, que a utilizou para perseguir aqueles que reprovavam a sua política, nominando-os de jacobeus e sigilistas (SORIANO, 1867: 28).

Sob esse escopo, o regimento de 1774 traz uma novidade no que diz respeito aos crimes julgados pela alçada do Santo Ofício. Dois crimes inexistentes nos regimentos anteriores ganham especial destaque, sendo condenados expressamente. Trata-se do jacobismo e dos sigilismo (sigilistas). Conforme o texto do regimento, a Jacobeia é apresentada como uma seita e/ou cisma, que teria, como tantas outras, lutado para romper a unidade cristã do reino, distanciando-o dos sentimentos da verdadeira e sólida religião. A imagem de Jacobeu representada pelo texto inquisitorial reproduz quase que fielmente a narrativa criada pela *Coleção das leis promulgadas*.

Apareceu neste em Portugal neste últimos tempos uma coligação de indivíduos do clero secular e regular, e de sequazes leigos, que aliados a um particular e inventado método de vida espiritual, e dirigidos por chefes destituídos de toda legítima missão, e por estatutos, teses, e regras formadas sem nenhuma canônica autoridade: se atrevem a constituir na lei da graça, uma seita formal em tudo semelhante a dos fariseus na lei escrita, que pela do evangelho se acha reprovada.”<sup>32</sup>

O mesmo vocabulário classificatório foi utilizado para traçar um panorama geral dos jacobeus, apontados como monstros da soberba, da cobiça, da sedição e da vingança. Governados pela mais capciosa hipocrisia, praticavam o notório abuso das virtudes morais e teológicas, além da quebra do sigilo confessional. Fica clara a associação entre Jacobeia e sigilistas como realidades indissociáveis. Ou mesmo, a compreensão de que quebra do sigilo confessional seria uma faceta da Jacobeia, confundindo-se com o próprio movimento. Talvez isso explique o fato de existir no regimento um espaço reservado para os sigilistas.<sup>33</sup>

A censura pombalina parece ter sido implacável. Só foi possível localizar um único texto que tencionou sugerir uma narrativa alternativa a que havia sido sacramentada pela *Coleção das leis promulgadas contra os sigilistas*, mesmo que tenha sido verdadeiramente produzido com o intuito de defender a imagem do Conde-

32 Os Regimento da Inquisição. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. a. 157, n. 392, jul/set 1996.

33 Os Regimento da Inquisição. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. a. 157, n. 392, jul/set 1996.

-bispo de Coimbra, D. Miguel da Anunciação. Conforme o citado texto, o *Juízo Decisivo* (seção que compõe o longo processo das *Leis promulgadas contra o sigilismo*) teria execrado o método espiritual jacobeu com calúnias e as mais atrozes injúrias, produzindo uma outra interpretação das chamadas máximas da Jacobeia, os princípios regedores do modelo de conduta e devoção dos jacobeus. O autor anônimo é categórico ao atacar o repertório classificatório utilizado pelo aparelho de censura pombalino, denunciando sua desonestidade.

Põem em conduta destes em igual paralelo com as dos fariseus, e dos hereges de vários séculos do cristianismo, sem preceder devassa, nem se produzir prova de fatos, e ações individuais, nem serem ouvidos os censurados, como tudo era necessário, segundo as leis divinas, e humanas, para se formar um juízo legítimo daquela semelhança, ou identidade. Toma por fundamento único as mesmas máximas com estranha desfiguração da doutrina, que elas implementem propõem pronúncia, que essas máximas, seus princípios e teses contêm um sistema errôneo, absurdo, cismático, e rebelde da seita chamada jacobea, e que são diametralmente opostas aos mais sólidos princípios da doutrina evangélica ao bem público, e tranquilidade dos estados representa os supostos Jacobeus cheios de vícios, de soberba, de vaidade, de hipocrisia, inflexíveis, obstinados, e sem esperança de conversão, e que por esta causa é necessário destruí-los para não infecionarem o estado.<sup>34</sup>

Além de atacar a imagem de Jacobeu criada pelo pombalismo, também se busca, ainda que de forma preambular, uma nova narrativa sobre a formação da Jacobeia e seus reais objetivos. Nessa, a Jacobeia é colocada como uma cordial união de sujeitos de probidade vinculados à Ordem de Santo Agostinho, assistentes no Colégio do Porto, que se reuniam depois do jantar na escada do coro para realizarem conferências espirituais, enquanto os demais se entretinham em conversas inúteis. Os religiosos que não participavam das conferências teriam criado a alcunha de jacobeus para classificarem os conferencistas, em clara alusão à escada de Jacob. Percebe-se a introdução de novos elementos na narrativa, destacando-se o Colégio do Porto e o resgate da alusão à Escada de Jacob, tese que havia sido refutada pela “*Epítome do Venerável Servo de Deus o Doutor Francisco da Anunciação*.”<sup>35</sup>

Os ecos da narrativa criada pelo pombalismo irão reverberar ao longo de todo século XIX. O próprio Sebastião José de Carvalho e Melo, em suas memórias históricas, nomeia os jacobeus de puritanos que clamavam alta e abertamente contra os abusos da Igreja em Portugal e contra a iniquidade da nação.<sup>(MELO, 1784: 76)</sup> Não à

34 ANTT - Defesa da justificação do Bispo d. Miguel da Anunciação dividida em três partes. *Manuscritos da Livraria*, n.º 942. Fl. 79.

35 ANTT - Defesa da justificação do Bispo d. Miguel da Anunciação dividida em três partes. *Manuscritos da Livraria*, n.º 942. Fl. 90-91.

toa, se nos lançarmos na fácil tarefa de investigarmos os significados atribuídos aos jacobeus e jacobeia na internet, sem nenhum tipo de rigor científico, teremos como primeira definição: “diz-se de ou partidário de um movimento religioso, dito *jacobeia* ou *sigilismo*, surgido no clero português durante o reinado de D. João V c.1744 e que chegou a ter repercussões políticas combatidas pelo marquês de Pombal 1699-1782; sigilista, beato.”<sup>36</sup>

Isso posto, de um lado aceitamos que tenha havido um movimento espiritual real, influenciado pela direção exercida por Fr. Francisco da Anunciação, que realizou um convite à renovação moral e dos costumes, amparado em amplo repertório teológico que costumou destacar a importância de elementos como a direção espiritual e a oração mental, sob total regência de um diretor espiritual; de outro, a Jacobeia, como qualquer conceito de grande amplitude, resiste a deixar-se encerrar numa forma abstrata. Desta maneira, também é possível falarmos de uma Jacobeia inventada, criada dentro de um jogo de intencionalidades marcado por questões de natureza política, que determinaram a escrita da sua história, dominando os rumos da sua historicidade.

## Referências

### Fontes manuscritas

#### AHU - Arquivo Histórico Ultramarino

AHU\_Avulsos de Goiás\_008, Cx. 25, D. 1582.

AHU\_Avulsos de Minas Gerais\_011, Cx. 96, D. 7764.

AHU\_Avulsos do Pará\_013, Cx. 65, D. 5592.

#### ANTT - Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Carta de sua Majestade para o provincial definitório dos Eremitas de Santo Agostinho, *Manuscritos da Livraria*, n.º 1140 (8).

Defesa da justificação do Bispo d. Miguel da Anunciação dividida em três partes. *Manuscritos da Livraria*, n.º 942.

*Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa*, proc. 13907.

#### BA - Biblioteca da Ajuda

Vos ascendite ad festum, ego autem non ascendo Joan 7, Cota. 54 – XI - 35, n.º 18.

---

36[https://www.google.com/search?q=Jacobeu&rlz=1C1AZAA\\_enBR751BR751&oq=Jacobeu&aqs=chrome..69i57j69i59l2j0l3j69i60l2.3131j1j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=Jacobeu&rlz=1C1AZAA_enBR751BR751&oq=Jacobeu&aqs=chrome..69i57j69i59l2j0l3j69i60l2.3131j1j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8)

### **BGUC - Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra**

Apólogo polemico ou combate civil. Manuscrito, nº 142.

Carta para certo Mancebo, que vai tomar o hábito de certa religião. MS. 2527.

Quanto tempo deva e possa passar um sacerdote em dizer missa para a dizer sem pecado e com decência? Sessão de manuscritos (MS. 2527).

Retrato da Jacobea, tirado pelos originais de vários hereges, sendo as tintas os seus costumes, e as sombras o fingimento na cópia e no original. Manuscrito nº142.

### **BNP - Biblioteca Nacional de Portugal**

Diffinição da Sécia. In Venezia: nella Stamperia Baglioni, 1746. (Cota H.G. 4645//13A.).

### **BN - Biblioteca Nacional**

Quatro cartas do Cardeal da Mota enviadas de Belem e Lisboa ao bispo do Rio de Janeiro nos anos de 1733-1739. [S.l.: s.n.], 1733-1739. 8f. inum., 34x22,5cm. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_manuscritos/mss1428052/mss1428052.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1428052/mss1428052.pdf)>.

### **BPE -Biblioteca Pública de Évora**

Epítome do Venerável Servo de Deus o Doutor Francisco da Anunciação. Cód. CIV. 1-46.

### **Fontes Impressas**

Anónimo (Bento Morganti) (Hrsg.): “Num. 13”, in: O Anonymo. Repartido pelas semanas, para divertimento e utilidade do público, Vol.1\013 (1752). Disponível em: <http://gams.uni-graz.at/archive/objects/o:mws.6993/methods/sdef:TEI/get?locale=de&context=pt;context:mws-anonymo-coll>

Anónimo (Bento Morganti) (Hrsg.): “Num. 14”, in: O Anonymo. Repartido pelas semanas, para divertimento e utilidade do público, Vol.1\014 (1752). Disponível em: <https://gams.uni-graz.at/o:mws.6994>.

ANUNCIACÃO, Fr. Francisco da. *Consulta mystico-moral sobre o habito de certas religiosas da Ordem de S. Clara Urbanas*. Coimbra, Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1717.

ANUNCIACÃO, Fr. Francisco da. *Vindícias da Virtude e Escarmento de Virtuosos nos Públicos Castigos dos Hipócritas dados pelo Castigo*. Primeira parte. Lisboa Oriental, na oficina Ferreyriana, 1725a.

ANUNCIACÃO, Fr. Francisco da. *Vindícias da Virtude e Escarmento de Virtuosos nos Públicos Castigos dos Hipócritas dados pelo Castigo*. Segunda parte. Lisboa Oriental, na oficina Ferreyriana, 1726b.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português & latino: aulico, anatomico, architectonico*. Coimbra, Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728.

Coleção das Leis Promulgadas, Sentenças Proferidas nos casos da infame pastoral do Bispo de Coimbra D. Miguel da Anunciação da Seita dos Jacobeos, Sigilistas. Lisboa: na Régia Oficina Tipográfica, 1769.

*Memoires de Sébastien-Joseph de Carvalho et Melo, Comte d'Oeyras, Marquis de Pom- bal*. Bruxelas: Librairie rue de la Magdelaine, 1784.

*Os Regimento da Inquisição*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. a. 157, n. 392, jul/set 1996.

### **Livros, dissertações, teses e artigos.**

ARAÚJO, Ana Cristina. *A Cultura das Luzes em Portugal*. Lisboa, Livros Horizontes, 2003.

BETHENCOURT, Francisco. *História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália*. Lisboa, Círculo dos Leitores, 1994.

*Bíblia de Jerusalém*. São Paulo, Paulus, 2006.

CHARTIER, Roger. *As Utilizações do Objecto Impresso (Séculos XV-XIX)*. Viseu, Difel, 1998.

CURTO, Diogo Ramada; DOMINGOS, Manuela D.; FIGUEIREDO, Dulce; GONÇALVES, Paula. *As Gentes do Livro. Lisboa, Século XVIII*. Lisboa, Biblioteca Nacional, 2007.

KOSELLECK, Reinhart. *Uma História dos Conceitos: problemas teóricos e práticas*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

MARCOCCI, Giuseppe; PAIVA, Jose Pedro. *História da Inquisição Portuguesa*. Lisboa, A esfera dos Livros, 2013.

MARTINS, Maria Teresa Esteves Payan. *Livros Clandestinos e Contrafações em Portugal no Século XVIII*. Lisboa, Colibri, 2012.

MELO, Bruno Kawai Souto Maior de. *A Jacobeia entre significados e representações: reformas religiosas e embates faccionais na monarquia portuguesa (1720-1769)*. Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

MONCADA, Luiz Cabral de. *Mística e Racionalismo em Portugal no Século XVIII: uma página de História Religiosa*. Coimbra, Casa do Castelo, 1952.

PAIVA, José Pedro. *Baluartes da fé e da disciplina. O enlace entre a Inquisição e os bispos em Portugal*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

PAIVA, José Pedro. *Os Bispos de Portugal e do Império (1495-1777)*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006.

- RIBEIRO, António Vitor. *O Império da Vontade e a Raiz Cristã da Descristianização*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.
- RODRIGUES, Manuel Augusto. *Pombal e D. Miguel da Anunciação bispo de Coimbra*. Revista de História das Ideias, Vol. 4, Tomo I, 1982.
- SILVA, António Pereira da. *A Questão do Sigilismo em Portugal no Século XVIII: história, religião e política nos reinados de D. João V e D. José I*. Braga, Editorial Franciscana, 1964.
- SILVESTRE, João Paulo. *O Vocabulário Português, e Latino: principais características da obra lexicográfica de Rafael Bluteau*. Comunicação apresentada no encontro Dicionários da Língua Portuguesa - Património e renovação, Cursos da Arrábida, 20 a 22 de Agosto de 2001.
- SORIANO, Simão José da Luz. *História do Reinado de D. José I e da administração do Marquez de Pombal*. Lisboa, Typographia Universal, 1867.
- SOUZA, Evergton Sales. *Jansénisme et Réforme de L' Eglise dans L' Empire Portugais (1640 à 1790)*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- TAVARES, Pedro Vilas Boas. *Beatas, inquisidores e teólogos. Reacção portuguesa a Miguel de Molinos*. Dissertação de doutoramento em Cultura Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002.
- VOGEL, Cristine. *Guerra aos Jesuítas: a propaganda antijesuítica do Marquês de Pombal em Portugal e na Europa*. Lisboa: Temas e Debates – Círculo dos Leitores, 2017.